



## LISTA DE EXERCÍCIOS DE RECUPERAÇÃO – 2º TRIMESTRE PRODUÇÃO DE TEXTO

ALUNO(a): \_\_\_\_\_

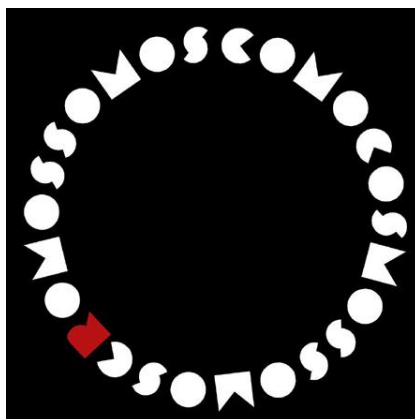
Nº: \_\_\_\_\_ 8º ANO TURMA: \_\_\_\_\_

UNIDADE: VV  JC  JP  PC  DATA: \_\_\_/\_\_\_/2018

Valor:  
15,0

Obs.: Esta lista deve ser entregue completa no dia da Prova de Recuperação.

Observe o poema “Cromossomos” (2013), de Arnaldo Antunes:



1. Analisando as características, podemos afirmar que o poema é
  - a) Barroco.
  - b) Futurista.
  - c) Surreal.
  - d) Visual.
  - e) Realista.
2. Agora, observe o poema “Velocidade”, de Ronaldo Azeredo:

VVVVVVVVVVV  
VVVVVVVVVVE  
VVVVVVVVVEL  
VVVVVVVELO  
VVVVVVELOC  
VVVVVELOCI  
VVVVELOCID  
VVVELOCIDA  
VVELOCIDAD  
VELOCIDADE

Sobre a poesia visual, é correto afirmar que

- a) não busca a adequação da forma poética às características do mundo moderno.
  - b) despreza a configuração visual e enfatiza o som.
  - c) a palavra é explorada quanto aos aspectos semântico, sintático, sonoro e gráfico (visual); o espaço “papel” passa a integrar o significado do poema.
  - d) há uma ruptura entre a comunicação verbal e a não-verbal.
  - e) existe harmonia entre a sintaxe tradicional e a construção das sentenças.
3. Com relação ao gênero crônica é correto afirmar que
    - a) parte do assunto cotidiano e acaba por criar reflexões.
    - b) tem como função informar o leitor sobre os problemas sociais.
    - c) apresenta uma linguagem distante da coloquial, afastando o público leitor.
    - d) tem um modelo fixo, com um diálogo inicial seguido de argumentação objetiva.
    - e) consiste na apresentação de situações pouco realistas, em linguagem metafórica.

## A História, mais ou menos

Negócio seguinte. Três reis magrinhos ouviram um plá de que tinha nascido um Guri. Viram o cometa no Oriente e tal e se flagraram que o Guri tinha pintado por lá. Os profetas, que não eram de dar cascata, já tinham dicado o troço: em Belém, da Judeia, vai nascer o Salvador, e tá falado. Os três magrinhos se mandaram. Mas deram o maior fora. Em vez de irem direto para Belém, como mandava o catálogo, resolveram dar uma incerta no velho Herodes, em Jerusalém. Pra quê! Chegaram lá de boca aberta e entregaram toda a trama. Perguntaram: Onde está o rei que acaba de nascer? Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo. Quer dizer, pegou mal. Muito mal. O velho Herodes, que era o dono da praça. Mas comeu em boca e disse: Joia. Onde é que esse guri vai se apresentar? Em que canal? Quem é o empresário? Tem baixo elétrico? Quero saber tudo. Os magrinhos disseram que iam flagrar o Guri e na volta dicavam tudo para o coroa.

(VERISSIMO, L. F. O nariz e outras crônicas. São Paulo: Ática, 1994.)

**Dicado:** consagrado; dedicado; devotado; oferecido; sacrificado; sagrado; tributado.

4. Na crônica de Verissimo, a estratégia para gerar o efeito de humor decorre da(o)
- inserção de perguntas diretas acerca do acontecimento narrado.
  - linguagem rebuscada utilizada pelo narrador no tratamento do assunto.
  - caracterização dos lugares onde se passa a história.
  - emprego de termos bíblicos de forma contextualizada.
  - contraste entre o tema abordado e a linguagem utilizada.
5. Sobre o narrador da crônica de Verissimo, é correto dizer que
- é personagem, protagonista da história, usando um olhar irônico para descrever os acontecimentos.
  - é observador, representado por Herodes, que relata de forma discreta tudo o que observa, falando de si mesmo na 3ª pessoa.
  - não existe, visto que não se trata de uma narrativa tradicional.
  - é onisciente, não participa da história e tem conhecimento total das personagens e das situações descritas.
  - é subjetivo, visto que depende do ponto de vista do leitor, que pode ver o narrador em qualquer um dos personagens.

Leia o texto “O homem nu”, de Fernando Sabino, e responda às questões 6, 7, 8, 9 e 10.

## O HOMEM NU

Ao acordar, disse para a mulher:

– Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

– Explique isso ao homem – ponderou a mulher.

– Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações.

Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar – amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até ao embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até à campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nós dos dedos:

– Maria! Abre aí, Maria. Sou eu – chamou em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lance da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta do seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

– Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindo lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um *ballet* grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de um lance de escada. Ele respirou, aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão. Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

– Ah, isso é que não! – fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez mais longe de seu

apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

– Isso é que não! – repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer?

Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

– Maria! Abre esta porta! – gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela.

Ouviu que outra porta se abria atrás de si. Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho.

– Bom dia, minha senhora – disse ele, confuso. – Imagine que eu...

A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

– Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

– Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

– É um tarado!

– Olha, que horror!

– Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

– Deve ser a polícia – disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

(FERNANDO SABINO. In: *Para Gostar de Ler. Vol. 3 – Crônicas*. Editora Ática, São Paulo, 1996)

6. A qual gênero pertence o texto acima?

---

7. Por que o casal não poderia abrir a porta do apartamento?

---

---

---

8. O homem saiu do apartamento com qual objetivo e como ele estava?

---

---

---

---

9. Apesar de o homem bater e chamar por sua mulher, ela não veio abrir a porta. Por quê?

---

---

---

---

10. Esse texto poderia ser do tipo narrativo ou argumentativo? Explique a diferença e justifique sua afirmação.

---

---

---